



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

ROSTOS NEGROS NA ARQUITETURA E URBANISMO

ISAQUE SANTOS PINHEIRO¹

GABRIELA LEANDRO PEREIRA²

Resumo: O texto a seguir trata sobre questões que atravessam a pesquisa “Arquitetas e arquitetos negros pelo mundo: Mapeamento da presença negra no campo da arquitetura, urbanismo e planejamento urbano” (PPGAU FAUFBA, Salvador-BA) ³assim como seu subproduto o site arquitetasnegras.ufba.br, já disponível online. Pontos como a busca pela representatividade dentro do campo da arquitetura e urbanismo de arquitetas(os) negras(os), referenciais profissionais, reflexão sobre o lugar que a pessoa negra ocupa no mercado de trabalho, como estar a produção desses profissionais em relação a mídia e a academia. Questionamentos importantes para contribuir para a ampliação de repertório que vem sendo utilizado dentro da área de atuação e estudo, olhando essas questões a partir de uma perspectiva referentes à realidade brasileira.

Palavras-chave: Arquitetas(os), Negritude, Pesquisa, Brasil, Mundo.

Pensando Contexto e Processo: Trabalho e Academia

Pensando nos países Ocidentais e na forma como produziam conhecimentos, segundo o Sociólogo e Professor porto-riquenho Ramón Grosfoguel desde o séc. XVI o racismo biopolítico do Estado já estava institucionalizado nas estruturas acadêmicas. Surgiu no séc. XIX um novo imaginário moderno de raça, que para se sustentar precisava promover práticas de epistemicídios, apagamentos de saberes inerentes aos corpos não brancos, que se articulavam aos processos de genocídios e subalternação, a fim de, desumanizar determinados sujeitos. Com exceção do homem branco todos ocupavam o lugar do “não penso, não existo” já que a produção realizada por essas pessoas não seria validada devido ao lugar que seus corpos ocupavam no interior da estrutura racista e sexista de legitimação do saber. Como, por exemplo, os processos de silenciamento de negras(os) que foram aprisionadas(os) e escravizadas(os). “Nas Américas os africanos eram proibidos de pensar, rezar ou de praticar suas cosmologias, conhecimentos e visão de mundo.” (GROSFOGUEL, 2012, pág. 40).

¹ Graduado em Bacharelado Interdisciplinar em Artes pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, é atualmente discente e pesquisador na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA.

² Gabriela Leandro Pereira - Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, coordenadora da linha Presença Negra na Produção da Cidade no do Grupo de Pesquisa Lugar Comum (Coordenação geral: Prof^a Ana Fernandes); e Pesquisadora Associada no PPGAU-FAUFBA.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Considerando essa construção do conhecimento de forma segregada ao longo da história, tensionar esse paradigma e seus lugares de produção, aponta um caminho em direção à decolonialidade do conhecimento. Defendida por autores como Paulo Freire e bell hooks, trazem para os holofotes outras formas, práxis, registros e produções que possam questionar as estruturas hegemônicas. Trazendo para o palco novas questões, desloca assuntos colocados como periféricos para o centro, como o genocídio/epistemicídio dos grupos minoritários, abrindo espaço para que seus ricos conhecimentos emergam.



Questionando essa lógica, o projeto de pesquisa "**Arquitetas e arquitetos negros pelo mundo: Mapeamento da presença negra no campo da arquitetura, urbanismo e planejamento urbano**" - assim como o grupo de estudos Corpo, Discurso e Território, o qual está vinculado integrando o Grupo de Pesquisa Lugar Comum/PPGAU-FAUFBA⁴, vem realizando pesquisas e ações para ampliar a discussão sobre o tema dentro da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil), e para a comunidade fora de seus muros.

A intelectual, teórica feminista, artista e ativista social estadunidense Gloria Jean Watkins conhecida como bell hooks traz em seu livro "Educar para transgredir: a educação como

⁴ Projeto de pesquisa integra o Núcleo de Pesquisa Corpo, Discurso e Território, o qual está vinculado integrando o Grupo de Pesquisa Lugar Comum/PPGAU-FAUFBA da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

prática da liberdade”, que boa parte de nós, estudantes, aspiramos por um conhecimento significativo, que ofereça a nossas vidas mais profundidade e plenitude. Que além dos conhecimentos técnicos, que nos habilita enquanto profissionais, que nos traga a capacidade de ler o mundo de forma crítica. Tomar esse espaço potente para as transformações de paradigmas é o que a pesquisa busca:

“[...] A academia não é o paraíso, mas o aprendizado, é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossas camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade...” hooks; bell. 2013. pág. 273.

A valorização do pensamento fronteiriço⁵ construído na academia, mas de jeitos diferentes, proporciona uma nova forma de pensar e vivenciar a universidade de maneira não concentrar esses conhecimentos no meio acadêmico, mas também disponibilizá-los mais amplamente, com linguagem acessível e de maneira dinâmica. A maneira como o saber é construído e valorizado, tem impacto na formação e no campo de atuação de arquitetas(os) e urbanistas, afetando como esses profissionais são reconhecidos, capacitados, inseridos no mercado de trabalho ou como guiam sua produção.

Durante a pesquisa notamos que existe maior facilidade em encontrar informações sobre a produção e a presença de arquitetas negras e arquitetos negros nos Estados Unidos da América em relação a outros países do mundo. A existência do *National Organization of Minority Architects – NOMA* que possui um forte engajamento com as questões dos *blackarchitects* e outras minorias e do Instituto Americano de Arquitetos - AIA, contribuiu para a permanência desses arquitetas(os) no campo. Contribuiu também para a sistematização, divulgação, exibição publicação por eles realizadas. Foi evidente no decorrer da pesquisa a facilidade de acesso a informações advindas desse país. Tal afirmação, é claro, se realiza a partir do olhar estrangeiro, mais especificamente do Brasil, onde tais discussões são ainda incipientes.

⁵Pensamento Fronteiriço é a singularidade epistêmica de qualquer projeto decolonial. Por quê? Porque a epistemologia fronteiriça é a epistemologia do *anthropos* que não quer se submeter à *humanitas*, ainda que ao mesmo tempo não possa evitá-la. MIGNOLO; Walter. 2017, p.16.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Nos últimos anos tem sido perceptível o avanço, ainda que lento, de pautas relacionadas à equidade de gênero e raça dentro do curso de arquitetura e urbanismo no Brasil. Um dos motivos talvez seja o fato de ter sido sancionada em 2012 a Lei de Cotas para o Ensino Superior nº 12.711/2012, ação afirmativa que institui a política de cotas foi que reserva 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia, à alunos oriundos integralmente do ensino médio público e/ou autodeclarados preta, pardos ou índios.

Outro fator, são as iniciativas estudantis como o “Mapeamento das Arquitetas Negras” realizado pelas pesquisadoras Andréia Moassab e a Joice Berth, o “Coletivo Feminista Arquitetas Invisíveis” da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília que conta com um eixo de pesquisa sobre “Arquitetas Invisíveis Negras” acessado por www.arquitetasinvisiveis.com e iniciativas autônomas como o projeto “Arquitetas Negras” que através de um financiamento coletivo estão construindo uma plataforma tanto de pesquisa, quanto de contratação de serviços de arquitetura no Brasil com coordenação da Arquiteta Gabriela de Matos.

Porém, as ações em relação ao tema racial ainda estão muito a quem do desejado ou mesmo do ideal. Questão que evidencia essa afirmação, por exemplo, é o fato do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil - CAU/BR não apresentar em seu um censo dados sobre quantos(as) arquitetas e arquitetas negros(as) estão atuando no país, eles não constam em seu último Anuário 2018 Vol. 2 ou em qualquer outra publicação de maneira facilitada ao longo dos anos da existência enquanto conselho, nem realizar políticas de grande expressão sobre. Apesar de atualmente possuir dados em relações ao gênero devido a adesão do CAU/BR à plataforma *Women Empowerment Principles* (WEP) que possibilitou a criação de uma “Comissão para a Equidade de Gênero (CTEG) do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil”, segue sem informações sobre etnia ou raça.

Ainda assim é possível fazer uma análise sobre o mercado de trabalhos para esses profissionais se olharmos para o levantamento sobre a taxa de desemprego no Brasil



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

realizada através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) trimestral, compilada pelo IBGE em 2018 os dados do segundo trimestre de 2018 aponta que a taxa de desemprego ficou em 9,9% entre os brancos, resultado inferior aos de pretos e pardos, respectivamente 15% e 14,4%. Já no primeiro trimestre de 2019, percebe-se que essas taxas só pioraram.

Quando feita a análise desses dados ao longo da história do Brasil, notarmos que, apesar de variarem, sempre consta um maior número de profissionais negros desempregados. Esse cenário reflete diretamente no mercado de trabalho de arquitetas(os) e urbanistas negras(os), no qual já estão em menor número. Na academia, percebe-se que estudantes negros e negras apresentam maior dificuldade de permanência no curso. Sabe-se que quando formados, encontram novas barreiras, que direcionam muitos a buscar alternativas no empreendedorismo, não exercendo integralmente sua profissão.

Essa realidade afeta também os estudantes de Arquitetura e Urbanismo, uma prática comum é os escritórios contratarem através de indicação de funcionários ou estagiários, os quais geralmente são brancos e indicam os seus pares devido a construção histórica e as relações interpessoais existentes, como afirma a arquiteta de interiores Elizabeth em entrevista ao site arquitetas negras: “Nos dois estágios que fiz durante a universidade, em um deles era eu e mais uma arquitetura e no outro era eu e mais duas colegas.” Processos relacionados ao dito “se adequar ao perfil da empresa” também ocorre devido a um não entendimento e respeito a estética negra, como conta o arquiteto Flavio Carvalho também em entrevista ao site: “Depois que formei eu cortei o cabelo para ver se eu conseguia participar mais das reuniões.”

Arquitetas(os) negras(os) por onde andam?

No Brasil, o senso comum estereotipa a arquitetura afro-diaspórica ao mobilizar um imaginário coletivo folclorizado, no qual associam também a escassez. A construção do saber já aqui abordado, além das dificuldades importadas na época da escravidão ou pós-abolição sem reparação histórica mostra grande influência a esse pensamento que não ficou só no âmbito da arquitetura. Desconsidera assim os quilombos, terreiros aqui



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

construídos, além das produções realizadas em outros países produção ainda hoje raramente inclusas nos currículos de teoria e história, uma associação racista com aspectos vagos, repetidos e com enormes lacunas que ganhou status de verdade ao longo do tempo.

Como a autora Patrícia Hill Collins aponta em “Aprendendo com a *outsider within*: Significação Sociológica do Pensamento Feminista Negro.” (2016) a criação de estereótipos é usada como mecanismo de controle das imagens que circulam nos meios de comunicação e através do discurso. Processo esse que desumanizar e dicotomizar o sujeito dentro de um imaginário homogêneo, a fim de manter o status quo de sujeição. Fazendo assim com que o indivíduo não se enxergue em outras posições sociais que não as que categorizadas para eles a partir da construção histórica e dos marcadores sociais da diferença: racismo, sexismo, machismo entre outros que contribui para as desigualdades profundas em todos os campos.

A fim de contribuir para a subversão dessa imagem para a criação de diferentes, múltiplas imagéticas, o projeto "**Arquitetas e arquitetos negros pelo mundo**" tem como um dos seus subprodutos o site: arquitetasnegras.ufba.br. A página é denominada assim, no feminino, devido ao fato do português refletir na língua a estrutura sexista e machista, na qual o artigo masculino é utilizado para referir-se ao plural multigênero. Ou seja, adota-se o termo arquitetos para se referenciar a profissionais do sexo feminino, masculino e outros, criando assim uma secundarização da mulher no discurso.

O site não se trata de um local apenas de visibilidade para arquitetas(os) e suas produções múltiplas, tendo em vista que não necessariamente negras(os) na arquitetura vão contribuir partindo de perspectivas e epistemologias negras, mas principalmente, tem como intuito ser um banco de referências inicial de pesquisa para os estudantes brasileiros da área de Design, Arquitetura e Urbanismo. Pretende-se que seja também ser um espaço para divulgação e acesso público aos mapeamentos, e ações e informações produzidas pela pesquisa.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

A pesquisa considera o complexo entendimento de etnia/raça que conta com grandes e numerosas variações em cada país e contexto. Neste sentido, foi adotado um método de heteroclassificação assumindo a limitação do mesmo, o qual leva em consideração características fenotípicas que as vezes não reflete o conjunto de valores étnico-raciais a que pertence um indivíduo e o método de autoclassificação, quando existia a possibilidade de ter acesso à declaração das(os) próprias(os) arquitetas(os) pesquisadas(os).

A dimensão de racialização e do racismo foram acessadas a partir da ótica das biografias das profissionais, cujas narrativas possibilitam reflexões acerca do ser negra(o) e arquiteta(o) em diferentes partes do mundo, em diferentes épocas e contextos. Busca-se assim, se distanciar de histórias únicas e generalistas. As informações foram obtidas através de jornais, revistas, mídias digitais e entrevistas presenciais ou via webcam, ao longo de um ano foram acessados 54 arquitetas(os) dessas diferentes formas, com trajetórias profissionais dos seguintes países: EUA, Londres, Ruanda, Nigéria, Gana, Brasil, Cabo Verde, Egito, África do Sul, Uganda, Alemanha, Costa do Marfim, Luanda, Senegal, Zimbabué, Bukina Faso, Portugal, Tanzânia, Haiti, Etiópia, República do Congo, São Tomé e Príncipe, Escócia, República do Botswana, Zâmbia e República do Benim.

Informações localizadas a partir da pesquisa foram criados perfis que se encontram no site, elaborados com o resumo biográfico do arquiteto, com dados como gênero, ano e local de formação e local de atuação, além de sistematizar vídeos, áudios, projetos e publicações com o profissional. A seguir citarei três arquitetas(os) de três países, que nos ajudar a ver como contemporaneamente os desafios de trajetória são diferentes, mas de certa forma interligadas pela racialização seja pensando pela inserção em um processo de formação acadêmica que apresenta dificuldades devido a raça/etnia ou pela busca de um caminho inovador dentro da Arquitetura e Urbanismo que pense território.

Patti Anahory é uma arquiteta e ativista urbana graduada na *Boston Architectural College*, cuja trajetória profissional passa pela academia e pela atividade privada. Com atuação em Cabo Verde e África do Sul, a arquiteta dedica-se com a empresa



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

colaborativa XU a propor abordagens alternativas e integrativas nas áreas de dinâmicas urbanas, arquitetura, estudos ambientais e intermídia. Tem abraçado a oportunidade de produzir narrativas através das mídias digitais para comunicar as histórias, os problemas e as potencialidades das cidades africanas contemporâneas. Em entrevista ao site arquitetas negras, ela nos informou sobre o processo de ser imigrante nos Estados Unidos na Boston Architectural College onde se formou arquiteta:

“Éramos só seis alunos imigrantes e negros no Instituto onde estudei... Em uma faculdade Privada e como eu tinha alguns meios eu conseguir algumas bolsas e muitos empréstimos para poder pagar meu curso” (Patty Anahory, 2019)

Christian Benimana deixou seu país Ruanda e viajou pela primeira vez para em 2002, com destino à Xangai, na China, onde estudou na Universidade de Tongji (CAUP) como bolsista. Benimana foi em busca de realizar seu sonho de infância, ser um arquiteto, já que na época não existia faculdades de arquitetura em Ruanda, conforme informa em sua apresentação no TED Talks na Tanzânia, em agosto de 2017. Em 2010, graduou-se bacharel em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. No ano de 2019 passou a ser gerente de programas do MASS Design Group de acordo com o site do escritório, originado em Ruanda, e coordenador da implementação do Centro de Design Africano de acordo com o próprio site do grupo www.massdesigngroup.org, cujo projeto baseia-se na experiência de aprendizado da BAUHAUS.

Kaísa Isabel é arquiteta negra brasileira, graduada pela Universidade Braz Cubas, localizada em São Paulo no Brasil, em 2005. Atua hoje criando espaços com foco em acessibilidade, com paisagem urbana, reassentamento e legislação. Tem pensado o espaço de forma que ele seja menos segregador, tanto no âmbito físico, quanto nas questões de acolhimento e conforto a qualquer pessoa. A arquiteta deu um depoimento em uma entrevista intitulada “Mulheres Negras na Área da Arquitetura,” quando questionada sobre sua experiência enquanto estudante e profissional disse:

“Na Universidade não havia outro aluno negro na sala de aula na maior parte do curso... Quando digo que sou arquiteta, algumas pessoas me parabenizam e recebo cumprimentos de mulheres negras que abandonaram os estudos. Sempre digo a elas que nunca é tarde para recomeçar”. Revista Raça Brasil, ed.177, 2016.

Exemplos esses que representam algumas dentre outras ações no campo da Arquitetura e Urbanismo Arquitetas(os) as(os) quem ultimamente vem passando por transformações e pensando a pratica mais ligada com a realidade do país de atuação, usando novas



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

tecnologias e mídias como apoio para divulgar e encontrar trabalhos e registrar histórias de bairros e cidades, buscando construir projetos participativos que contam com a colaboração da população de diferentes faixas etárias ou pensando propostas levando em consideração os marcadores sociais de gênero, raça/etnia, classe social etc., criando novas formas de atuar na profissão.

No Brasil devido à falta de conhecimento sobre o continente Africano assim como sua arquitetura é visto muitas vezes através de um senso comum de escassez, falta de informação, primitividade ou enxergados pelos projetos vernaculizares e obras realizados pelo arquiteto Diébédo Francis Kéré devido a projeção midiática de seu trabalho, mas considerando as múltiplas linguagens desenvolvidas no continente que são muitas vezes esquecidas. Há multiplicidade de formas e maneiras de fazer arquitetura e só o conhecimento do campo que levará as pessoas para um novo olhar sobre o tema.

A práxis na arquitetura e urbanismo com uso de materiais locais, com uma nova ideia de sustentabilidade e outras formas de ação em comunidade ou coletivo: são questões presentes nas produções de vários arquitetos(as) como a arquiteta e urbanista Vilma Patrícia que trabalha com as comunidades de terreiro ligados a Religião do Candomblé, entendendo as dinâmicas específicas que o espaço exige, da construção processual e manutenção. Ilze Wolff com a adição importante realizada no Hospital Provincial de Vredenburg na África do Sul, a fim de trazer um caráter mais humanístico para o ambiente hospitalar o projeto contou com teatros, espaços para serviços de apoio (cozinha, oficinas, lavanderia etc.), e ala psiquiátrica, além escritórios administrativos e ala pediátrica, entre outros ou Joe Osae- Addo um dos fundadores da ArchiAfrika em Acra - Gana, em 2001, com meta principal de estabelecer uma plataforma para o intercâmbio de conhecimento e informação sobre atividades, projetos e património arquitetônico em África.

Esses posicionamentos vêm influenciando arquitetos em diáspora e africanos a buscar desenhar impactos sociais positivos e não puramente edificações. Iniciativas individuais, coletivas e educacionais como a Revista Arquitetas Negras no Brasil, o Hip Hop



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Architects Camp nos EUA e o XXAOC na Inglaterra entre outras, que nos apontam um movimento em direção à busca de ações que trabalham novas formas de entender e construir cidade, legitimando novas maneiras de enxergar modifica e comunicar o campo.

Reivindicar Memória é Reivindicar Tempo

Enxergar o mundo a partir do Brasil exige de nós um olhar que considere as limitações de tempo, espaço e pesquisadores dentro da pesquisa realizada. O racismo se apresenta de maneiras muito diferentes em cada país, mas em todos quando presente traz efeitos negativos para o desenvolvimento profissional e para o crescimento do campo da arquitetura e urbanismo. Cada país tem sua história e ela influencia diretamente na produção da arquitetura, ainda é um desafio contemporaneamente construir um panorama da contribuição de arquitetas e arquitetos negras(os), mas negar sua existência é um equívoco. É negar a presença dessas pessoas na construção em todas as etapas da edificação, da realização e vivência da cidade, o recorte racial realizado em pesquisa é importante em um mundo desigual que busca por equidade.

Frente à colonização do ser⁶, identificar as potencialidades e transformá-las em ação tem sido o caminho que grande parte do mundo tendência. A autora bell hooks coloca a auto atualização como o passo imprescindível para uma educação transgressora. Gerar processos de aprendizagem que não remontam ou reforçam aspectos de autoritarismo e dominância, que possa ter uma relação intrínseca com a vida do indivíduo. Uma “[...] educação libertadora liga a vontade de saber a vontade de vim a ser.” hooks, bell. 1994 pág. 32

O projeto "**Arquitetas e arquitetos negros pelo mundo**" que segue sendo executado, trata de como construir repertório para além da negação e invisibilidade. As possibilidades e campos a serem aprofundados seguem amplos e por isso ele não estar

⁶ O termo Colonização do Ser é trabalhado por Quijano (2005) e Mignolo (2007) processos que fazem o indivíduo internalizar e naturalizar categorias do eurocentrismo. Levando o indivíduo a pensar e ver o mundo a partir de categorias que o colocam na posição de oprimido.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

concluída, tem potência para novos olhares e aprofundamentos sobre a temática. O árduo processo que acessar o conhecimento já produzido e as informações construídas através desse campo permanece sendo um desafio, tendo em vista a complexidade nos diversos contextos mundiais, mas as novas tecnologias e redes sociais permitem aproximações antes não conhecidas.

O acesso de outras referências dentro da arquitetura e do urbanismo permite não só o enriquecimento técnico, estético e teórico no campo, como também incentiva pessoas que não se enxergam representadas por esse campo a existência de espaços de atuação acadêmica, profissional ou de uso que também é nosso. A construção de um imaginário coletivo de arquitetas(os) como indivíduos brancos foi construído no Brasil atrelada ao processo sociais de segregação e racismo e as pessoas merecem mais que estereótipos, como diz o coletivo Terra Preta:

“des-embranquecer a cidade significa repovoá-la com o tanto de coisa que foi sequestrada dela, como se não fosse digno, relevante, próprio ou real.” (Terra Preta, 2019)

Registrar e publicar essas contribuições históricas é construir nesse país memória acerca da arquitetura e urbanismo realizados pela população negra em diáspora, é marcar a contribuição feita na construção das cidades através de processos exploratórios, que não devem ser esquecidos e não foram apagados com minha pele clara. Falar de memória é reivindicar o tempo que é de nós tirados com a negação e a violência, é contribuir com um arcabouço de um futuro diferente, com equidade e trazer a nós o direito ao tempo.

Referencias

ANZALDÚA; Gloria. **La conciencia de la mestiza / rumbo a uma nova consciência.** 2005.

COLLINS; Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: Significação Sociológica do Pensamento Feminista Negro.** Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>> Acesso em 03.13.2019



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

DIAS Jussara; GIOVANETTI Márcia R.; SANTOS, Naila J. Seabra. **Perguntar não ofende: Qual é a sua Cor ou Raça/Etnia? Responder ajuda a prevenir.** 2009 Disponível em: < http://www.saude.sp.gov.br/resources/ouvidoria-da-secretaria-de-estado-da-saude-de-sao-paulo/biblioteca/perguntar_nao_ofende.pdf > Acesso: 01.08.2019

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 47ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2005 (1970)

GROSGOUEL; Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.** 2016 Disponível em< https://drive.google.com/file/d/1bmxOy_6mL-fVAo2V1u41uf1oHjD7TuB7/view > Acesso em: 13.04.2019

hooks; bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Ed. WMF Martins Fontes. 2013

MIGNOLO; Walter. **Desafios Decoloniais Hoje.** 2017

MELLO; Bruno César Euphrasio. **E o negro na arquitetura brasileira?** 2012 Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.145/4372>> Acesso: 02.03.2019

PEREIRA, G. et al. **Coletiva Terra Preta. Des-embranquecendo a cidade.** 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@terrapreta/des-embranquecendo-a-cidade-c5635dd0c2ff?sk=31a8264a9c534ec7d9fcdf5873eb1b1e> > Acesso em: 22.08.2019

WEIMER; Günter. **Inter-Relações Arquitetônicas Brasil - África.** 2008.

BENIMANA; Christian. **Palestra proferida no TED Taks.** Arusha (Tanzânia), agos,2017 Disponível em: < https://www.ted.com/talks/christian_benimana_the_next_generation_of_african_architects_and_designers?language=pt-br#t-8085 > Acesso: 03.08.2019

FELIPE; Roniel. **Mulheres Negras na Área da Arquitetura.** Revista Raça, ed.177, 2016. Disponível em: < <https://revistaraca.com.br/mulheres-negras-na-area-da-arquitetura/> > Acesso: 03.08.2019